**DE 2008 EM DIANTE**

**A PINTURA E A CONSTRUÇÃO DO MUNDO**

Aí por 2008, formas novas começaram a aparecer no trabalho de Victor Costa, dando origem ao que se encarou como um novo ciclo de pinturas e desenhos. A referencialidade dessas formas leva-nos até ambientes de periferia urbana, núcleos industriais, instalações portuárias, armazéns e entrepostos onde elementos pesados e materiais brutos se avolumam, sobrepostos, encaixados ou pousados lado a lado. Dos contentores do porto de Leixões às peças industriais e de construção, as formas que atraíram a atenção de Victor Costa, trazem em si a força e o poder da sua natureza de módulo e de molde. São formas de valor estrutural que se articulam como palavras numa frase, requerem uma determinada lógica de associação, formam padrões, instauram jogos de cheios e vazios, e de figura e fundo.

Haveria pretexto mais viável para um pintor que sempre explorou a construção da pintura, nas suas camadas, adições, transparências e decapagens? Detecta-se um elemento novo, mas percebe-se que ele foi ao encontro dos interesses do artista porque esses correm subterraneamente e não se alteram com facilidade.

Os elementos plásticos que invadiram a sua pintura, entre geometrias e ritmos, correspondem a objectos existentes fora dela, já se disse. O pintor regista-os, fotografa-os, pára em frente a eles e fixa-os para, mais tarde, os integrar no seu trabalho. A dimensão estética funda-se na experiência e no vínculo com a vida.

Haveria motivo mais praticável para um pintor que sempre retirou da viagem aspectos destinados à sua obra, depois de essencializados e reconfigurados? Assinala-se um elemento novo, mas a deslocação do artista pelo território manteve-se no núcleo do seu processo.